

**Texto curatorial de Ligia Canongia para a Exposição "CÂMARAS de LUZ",
realizada na Oi Futuro, Rio de Janeiro, RJ, 2007**

Daisy Xavier, em parceria com Célia Freitas, fala sobre a idéia da passagem, sobre o atravessamento de fronteiras espaço-temporais, e a busca impossível da simetria perfeita . Quatro mãos, pertencentes a dois corpos, tentam um encontro por meio de um hipotético furo numa parede. O verso e o anverso dessa superfície, que não se apresenta com clareza pois que dissimulada por um branco absoluto, são exibidos em projeções separadas e não emitem ao espectador a visão unívoca da cena. Esta, mostra-se sempre entrecortada, como que cindida por seu próprio espelho. Com topologia do encontro , na verdade, cria-se ambigualmente a topologia do impedimento e do limite, como se houvesse um filtro, mesmo invisível, que sempre barrasse a possibilidade da união completa e simbiótica. Como dizem as artistas, ‘ o que busca se vê como buscado”. O branco equivale ao vazio e ao espelho, e este último devolve, reflete, mas trai. A imagem, o enigma e a idéia mesma do espelho tem sido um motivo constante para experiências sobre a percepção e para obras de arte valiosas, desde O casal Arnolfini, de Van Eyck, no século XV, à tela Vida Secreta IV, de Magritte, na modernidade.